

Um estudo contrastivo do PE e do PB com relação à identificação de informação de número no DP

Ana Castro

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa
Escola Superior de Saúde/Instituto Politécnico de Setúbal

José Ferrari-Neto

PUC-Rio/LAPAL/CNPq



Introdução

Este trabalho apresenta resultados de um experimento conduzido com crianças adquirindo Português Europeu (PE),¹ como réplica do experimento de Corrêa, Augusto & Ferrari-Neto (2005), aplicado a crianças adquirindo Português Brasileiro (PB), e compara os resultados dos dois estudos.

No estudo original – uma tarefa de identificação de imagens realizada com crianças com idade média de 25 meses – verificou-se que as crianças brasileiras nessa faixa etária reconhecem já a informação morfofonológica relativa a número e são sensíveis à expressão gramatical de número da sua língua, pois atribuem referência plural a um DP marcado como plural na sua língua.

Em PB, a informação relativa ao número do DP pode estar no determinante e no nome (variante padrão) ou só no determinante (variantes não padrão). Observou-se no referido estudo que as crianças brasileiras, expostas a ambas as variantes, baseiam-se indiferenciadamente no determinante na identificação do referente de um DP, assim como distinguem as formas de possibilidades não gramaticais na língua (como a flexão de número apenas no nome). Estes resultados sugerem que as crianças adquirindo PB extraem

¹ Veja-se Castro, A. (2007) ms. para uma descrição mais detalhada do estudo conduzido em PE.

informação morfofonológica relativa a número do determinante, e consequentemente processam a concordância de número entre os elementos do DP.

A réplica deste experimento com crianças da mesma faixa etária adquirindo PE permite observar se as crianças portuguesas são sensíveis à expressão gramatical de número da sua língua, mas também testar hipóteses explicativas relativamente à diferença patente nos sistemas morfológicos de número do PE e do PB. Segundo Costa & Figueiredo Silva (2006) e Castro (2006), apesar de o PE apresentar apenas a variante padrão (com a marca flexional de número em D e N), a informação relevante para a interpretação da referência plural parece ser extraída de D. Assim, testar o comportamento das crianças relativamente a um DP em que a marca flexional de plural apareça só em D pode ser interessante para validar ou infirmar esta hipótese.

Os objectivos do presente estudo são, assim, verificar: (i) se as crianças na mesma idade (2 anos) adquirindo o PE identificam a informação morfofonológica relativa a número da sua variedade, o que pode indicar que processam concordância de número no âmbito do DP; e (ii) se há diferença entre as crianças portuguesas e brasileiras na percepção da expressão de número no DP, nomeadamente no que concerne à flexão de número apenas expressa no determinante (gramatical em PB e não gramatical em PE).

Este artigo divide-se em três partes. Na primeira apresentam-se os sistemas de número do PE e do PB, enfatizando-se as diferenças entre eles, além de uma discussão de alguns estudos sobre a aquisição da morfologia de plural em ambas as línguas. Na segunda parte, descreve-se o rationale do experimento e a maneira como ele foi conduzido e aplicado em PB e em PE. Na terceira e última parte, mostram-se os resultados de ambas as aplicações do teste, e discute-se a comparação entre os resultados obtidos.

1 Enquadramento

1.1 O sistema de número em PE e PB

Em PE e na variedade padrão do PB, a marca de plural *-s* está presente no determinante, no nome e em todos os modificadores – possessivos, quantificadores, adjectivos – que com ele concordam.

- (1) os meus alunos
- (2) os outros três carros azuis

Na variedade não padrão do PB, a marca de plural *-s* só está presente no artigo ou no possessivo.

- (3) os meu aluno
- (4) (o) meus aluno
- (5) os outro três carro azul

Em consequência destas diferenças, as crianças brasileiras são expostas a (pelo menos) duas variedades, enquanto que as portuguesas apenas a uma.

Relativamente à expressão morfo-fonológica de número no DP, várias propostas apontam para que a informação relevante de número é codificada numa única posição – Enç (1991), Longobardi (1994), Bouchard (2002), sendo essa posição N ou D. Em Português, a expressão morfológica de número estaria associado à categoria D, uma vez que é expressa obrigatoriamente nos elementos que ocorrem como determinantes, ao contrário de línguas como o Inglês. A análise da estrutura destas construções em Português tem variado, no entanto, e há pelo menos três perspectivas com assumpções diferentes: em termos minimalistas, número interpretável em D e não-interpretável em N – Magalhães (2004); uma categoria funcional NumP e operação de *Agree* – Brito (1996) e Augusto, Ferrari-Neto e Corrêa (2005); assumindo a Morfologia Distribuída, o morfema de plural -s é um *singleton* em PB e *dissociated* em PE – Costa & Figueiredo Silva (2006). Esta última proposta acentua o carácter de micro-variação paramétrica relativamente à expressão morfológica de número entre as duas variedades, assumindo que é D a posição relevante para a interpretação semântica (em que se inclui a referência de pluralidade) de um DP. Assim sendo, espera-se que se consiga recuperar a referência plural a partir de uma marca morfofonológica apenas em D.

1.2 Dados de aquisição de morfologia plural em PB e PE

Para o PB, o estudo de Corrêa, Augusto & Ferrari-Neto (2005) verificou que as crianças de dois anos percebem informação morfofonológica relativa a número a partir do determinante e processam concordância de número no âmbito do DP, numa fase em que não necessariamente a morfologia de número se encontra estabelecida na produção – Simões (2004) e Ferrari-Neto (2003). Destes resultados se pode inferir que a posição estrutural D está já activa nesta fase inicial do processo de aquisição da linguagem em PB e desempenha um papel crucial na identificação de elementos de uma classe aberta – Höhle et alii (2005) – e conseqüentemente na aquisição de novos nomes – Corrêa (2001, 2005).

Relativamente ao PE, alguns estudos, somente baseados em dados de produção, apontam também a hipótese de que as crianças

são sensíveis tanto à posição estrutural sintáctica D como à presença de marcas de acordo morfológico de número, uma vez que produzem um proto-determinante em estádios precoces do processo de aquisição da língua – Matos et alii (1997), Freitas & Miguel (1998) e Soares (1998). No entanto, argumentou-se em Costa & Freitas (2001) e Santos (2004) que os dados disponíveis não fornecem argumentos convincentes para que esse proto-determinante não seja um *filler* prosódico.

Uma vez que estes estudos só fornecem dados de produção e não avaliam a percepção, a réplica do experimento de Corrêa, Augusto & Ferrari-Neto (2005) aqui conduzida pode mostrar de forma mais clara se as crianças são de fato sensíveis a informação morfofonológica relativa a número, se processam concordância de número no âmbito do DP o que lhes permitirá identificar a referência plural e contribuir para a aquisição de novos nomes.

O que o estudo ora descrito se propõe a testar é qual é a posição relevante do morfema para a interpretação da pluralidade por uma criança em processo de aquisição do Português, confrontando as duas variantes, PB e PE: nas duas posições (D e N) ou só em uma (D ou N).

2 O experimento

2.1 Rationale

O experimento inicial de Corrêa, Augusto e Ferrari-Neto (2005) assume a hipótese de que o processamento da concordância é usado como instrumento para identificação dos elementos funcionais e lexicais da língua em questão e das propriedades dos traços formais e operações de *Agree* envolvidas – Corrêa (2001, 2005). A interpretação semântica do morfema de número presente no DP poderia, em princípio, ser feita exclusivamente com base no reconhecimento do afixo flexional do nome ou com base no processamento da concordância. Considerando-se que a criança utiliza o processamento da concordância como meio de aquisição do que há de específico na gramática da língua em questão, não haveria necessidade de postular uma estratégia de base lexical para a identificação da informação concernente a número numa língua como o PB, em que esta informação está necessariamente presente no Determinante, mas não no Nome. Acresce o fato de que uma tal estratégia não se revelaria produtiva uma vez que não contemplaria a variante não padrão do PB. Daí o experimento inicial de Corrêa, Augusto e Ferrari-Neto (2005) lidar com duas variantes do PB como

realizações gramaticais – a Padrão, em que D e N são flexionados em número e a Não-Padrão, em que apenas D apresenta essa flexão.

Visto que a expressão morfológica de número nas línguas do mundo contempla marcação exclusiva no Nome, como no caso do Inglês,² e a marcação de número pode variar quanto à realização morfológica, havendo a possibilidade de morfemas presos — sufixos (como em Inglês), prefixos (como em Suáili, língua Bantu) e mesmo infixos (como em Sudanês)³ – ou morfemas livres (como em Tagalog) (ROBINS, 1970; CORBETT, 2000), no experimento foram exploradas estas possibilidades. Assim, incluíram-se nas condições experimentais dois tipos de expressão morfológica de número possíveis nas línguas humanas embora não gramaticais no PB e acrescentaram-se as condições não gramaticais Infixo (N apresentando um infixo de número) e Agramatical (D no singular e N flexionado em número). A escolha destas duas possibilidades (e não das outras) justifica-se por poderem dar origem a palavras possíveis em Português, mas singulares, como *lápiz* e *mosca*.

A hipótese subjacente a este experimento é a seguinte: se a criança consegue identificar uma figura contendo múltiplos objectos de um tipo desconhecido para ela com base no DP plural, então (i) a informação relativa a número é identificada entre os elementos do DP e número é reconhecido como um traço formal; (ii) a criança é capaz de atribuir um valor semântico para o morfema de número identificado com base no referente do DP; (iii) a criança processa concordância no DP, com o acordo de número desempenhando um papel fundamental na aquisição do sistema de número na língua em causa.

2.2 Descrição

Com vistas a avaliar em que medida a criança é capaz de interpretar semanticamente informação relativa a número no DP fornecida apenas pela informação morfofonológica, o experimento se valeu de figuras que representavam objetos e seres inventados, designados igualmente por nomes inventados, o que minimizou a influência semântica no desempenho da criança na tarefa de identificação de imagens.

Uma variável independente é inicialmente considerada: *Expressão morfológica do número*, com dois níveis – gramatical (forma

² Em inglês, número é geralmente marcado no nome e apenas alguns membros da categoria D apresentam a distinção de número, como *this/these, that/those*.

³ A forma plural *quaisquer* em português, de um ponto de vista sincrónico, pode ser considerada como contendo um infixo.

Padrão e Não Padrão do DP Plural em PB) e não gramatical (número como sufixo e como infixos). Em seguida, a variável *Tipo de DP* será considerada como variável independente, contrastando cada uma das formas acima identificadas. A forma gramatical do singular no PB foi usada como controle.

Apresenta-se abaixo um exemplo de cada condição testada, com um dos pseudo-nomes utilizados:

- a) Gramatical Padrão – G PAD – Determinante plural e Nome plural
Exemplo: Ache o-s dabo-s pro Dedé
- b) Gramatical Não Padrão – G NPAD – Determinante plural e Nome singular
Exemplo: Mostre o-s dabo pro Dedé
- c) Não Gramatical Sufixo – NG SUF – Determinante singular e Nome plural
Exemplo: Ache o dabo-s pro Dedé
- d) Não Gramatical Infixo – NG INF – Marca de Plural inserida no meio do Nome
Exemplo: Ache o da-s-bo pro Dedé
- e) Controle – CONT – Determinante e Nome no singular
Exemplo: Ache o dabo pro Dedé

A variável dependente foi o número de respostas correspondentes à figura plural.

Foram criados 12 estímulos-teste com pseudo-nomes, 3 por condição, definida em função do tipo de expressão morfológica do número; 6 estímulos-controle, com pseudo-nomes no singular e 6 estímulos-distratores, com nomes do vocabulário da criança, no singular. Esses estímulos compuseram 4 listas experimentais, nas quais a ordem de apresentação foi aleatorizada, evitando-se, contudo, a apresentação consecutiva de estímulos da mesma condição. Dois estímulos adicionais, com um nome conhecido e outro inventado foram utilizados em um pré-teste. Os estímulos foram previamente gravados na forma de um pedido, por parte de um fantoche chamado Dedé, para que a criança lhe mostre uma figura correspondente ao que lhe é solicitado: por exemplo, *mostre os dabo pro Dedé*.

Para cada estímulo foi criada uma prancha com 4 figuras: uma 1 figura-alvo e 3 figuras distratoras. Nas pranchas-teste, as figuras-alvo valeram-se sempre de desenhos que representavam objetos e seres inventados em número maior do que um. As figuras distratoras correspondiam a um desenho não-inventado singular e a dois

desenhos inventados diferentes do alvo. A posição da figura-alvo foi variada. Nas pranchas-controle, a figura-alvo correspondia a uma das figuras inventadas e nas distratoras, apenas desenhos de objetos e seres conhecidos foram utilizados. O conjunto de pranchas constituiu um álbum.

O procedimento envolve uma fase de familiarização, uma fase de pré-teste e uma fase de teste.

Na familiarização, o experimentador interage com a criança e apresenta a ela uma marionete, caracterizada como um boneco falante (mas que na realidade apenas gesticula durante a execução do CD com os estímulos gravados). Esta etapa tem por objetivo acostumar a criança à voz do boneco, bem como criar uma atmosfera lúdica para a execução do experimento.

Segue-se o pré-teste, em que o experimentador mostra à criança o álbum com as pranchas. É proposta então a “brincadeira” ou o “jogo”: o boneco pede e a criança aponta para uma determinada imagem. As duas primeiras pranchas constituem o pré-teste. Somente as crianças que superam essa etapa passam ao teste propriamente dito.

Aí, o jogo ou brincadeira do Dedé prossegue, sempre com a solicitação por parte do fantoche (mediante acionamento do CD player) para que a criança mostre a ele o que este requer. A resposta da criança é acolhida com um comentário de incentivo à sua participação, independentemente de esta corresponder à figura-alvo. Todo o procedimento leva cerca de 10 minutos e é filmado para o registro das respostas.

As crianças foram testadas em ambiente de creche ou familiar, sempre numa sala isolada com o experimentador e o responsável pela filmagem.

2.3 A reprodução do estudo em PE

Na reprodução/réplica do estudo em PE, foi seguida de perto a metodologia do estudo original.

Foram testadas 15 crianças (8 meninos e 7 meninas) entre os 22 e os 30 meses (média de idades 26 meses), de classe média residindo na Grande Lisboa. Todas as crianças são falantes monolíngues de Português Europeu (sem contacto regular com outra língua) e nenhuma tem perturbações ou distúrbios cognitivos ou de linguagem diagnosticados (ou suspeita dos mesmos) bem como história familiar de défices de linguagem. Os testes foram feitos nas creches que frequentam ou em sua casa.

Os materiais usados foram os mesmos (as pranchas de desenhos) e o *design* experimental manteve-se. Usou-se também um fantoche

chamado Dedé (embora não um boneco igual ao do estudo original) que falava por meio dos estímulos previamente gravados com uma voz feminina em PE. As frases gravadas foram as mesmas e manteve-se a apresentação aleatória dos estímulos.

Na condução do experimento, contudo, nem sempre foi possível apresentar somente os estímulos gravados e emitidos como se o Dedé falasse, pois observou-se uma estranheza das crianças relativamente ao fantoche emitir uma voz previamente gravada o que ademais limitou bastante a espontaneidade da interação. Assim, nalguns casos, o experimentador repetiu os estímulos exatamente como o Dedé os disse. Noutros, em que as crianças se assustaram com o fantoche, a interação foi feita exclusivamente com o experimentador e este apresentou os estímulos exatamente como o Dedé os diria. Há que ressaltar, no entanto, que a diferença no modo de apresentação dos estímulos não pareceu afetar os resultados. Testaram-se exatamente as mesmas condições experimentais e o que se pretendeu avaliar foi se as crianças portuguesas:

- (i) identificam a informação morfofonológica relativa a número da sua variedade (condição G PAD – *os dabos*);
- (ii) identificam a posição D como a posição do morfema de plural relevante para a interpretação da pluralidade (condição G NPAD – *os dabo*);
- (iii) revelam diferenças relativamente às crianças brasileiras na percepção da expressão de número no DP, nomeadamente relativamente no que concerne a flexão de número apenas expressa no determinante (gramatical em PB e não gramatical em PE).

Os resultados totais das crianças portuguesas são apresentados na Tabela 1.

TABELA 1 – Número total de respostas plurais para cada condição e respectivas percentagens das crianças falantes de PE.

Condição	Respostas plurais/estímulos	% Respostas plurais	Resposta esperada
G PAD – os dabos	34/42	76,67%	plural
G NPAD – os dabo	19/41	46,67%	plural
NG SUF – o dabos	11/42	24,44%	singular
NG INF – o dasbo	3/45	6,67%	singular
CONT – o dabo	4/82	4,44%	singular

Os resultados foram inicialmente analisados em função da variável *expressão morfológica do número* e sua relação com a resposta esperada – múltiplos objetos (= plural) ou um só objecto (= singular).⁴ Em seguida, foram avaliados em função de *Tipo de DP*: gramatical padrão em PE e PB (*os dabos*), gramatical não padrão em PB (*os dabo*), não gramatical sufixo (*o dabos*) e não gramatical infixo (*o dasbo*).

Os resultados apresentam um efeito significativo de *expressão morfológica do número*, com um número maior de respostas plural para as condições elicitadoras de resposta plural ($t(14) = 12,61$ $p < .0001$). Não há diferença significativa entre as condições *os dabos* e *os dabo* ($t(14) = 3,21$ $p = .006$), assim como entre as condições sufixo e infixo ($t(14) = 2,43$ $p = .029$), sugerindo que as crianças tratam as duas condições do conjunto de estímulos elicitadores de plural assim como as duas condições do conjunto de estímulos não gramaticais (para plural) de forma indiferenciada.

Como se tinha verificado no PB,⁵ as respostas plural para a condição *os dabos* foram, no entanto, em maior número do que as respostas plural para a condição *o dasbo*. Esta diferença, ainda que não significativa ($t(14) = 2,43$ $p = .029$), sugere uma interferência da marca -s no nome para a marcação da pluralidade.

Contudo, observa-se que a diferença entre *os dabo* e *o dabos* (marca morfológica de plural só no Determinante ou só no Nome) é significativa ($t(14) = 6,2$ $p < .0001$) o que mostra que os dois estímulos são percebidos de forma diferenciada, podendo-se inferir que é D a posição relevante para a percepção da marca de pluralidade e não N.

Assim, os dados obtidos neste estudo parecem indicar que as crianças portuguesas:

- (i) identificam a informação morfofonológica relativa a número da sua variedade (condição G PAD – *os dabos*);
- (ii) identificam a posição D como a posição do morfema de plural relevante para a interpretação da pluralidade (condição G NPAD – *os dabo*).

⁴ O grupo de controle, constituído por 12 estudantes do Ensino Superior (graduação) do sexo feminino, apresenta as seguintes percentagens de respostas plurais: **condição% respostas plurais:** G PAD – *os dabos* = 100%; G NPAD – *os dabo* = 80,56%; NG SUF – *o dabos* = 0%; NG INF – *o dasbo* = 0%; CONT – *o dabo* 0%. Note-se ainda assim um valor abaixo dos 100% para a condição não gramatical com marca de plural no determinante. Este percentual deve-se a algumas respostas singulares unicamente no primeiro dos três itens apresentados desta condição. Esta condição suscitou também sempre alguma hesitação – fato compreensível, uma vez que esta condição não corresponde a uma possibilidade produtiva e efetiva do PE (DPs como *os corpora* ou *os média* são raros).

⁵ Confira-se os dados na Tabela 2.

Observemos agora a comparação com os dados das crianças brasileiras.

3 Discussão dos resultados em PE e PB

Os resultados totais das crianças portuguesas e brasileiras são apresentados na Tabela 2.

TABELA 2 – Percentagem de respostas plurais para cada condição das crianças falantes de PE e das crianças falantes de PB.

Condição	PB	PE	Resposta esperada
G PAD – os dabos	57,4%	76,67%	plural
G NPAD – os dabo	64,8%	46,67%	plural
NG SUF – o dabos	33,3%	24,44%	singular
NG INF – o dasbo	29,6%	6,67%	singular
CONT – o dabo	12,5%	4,44%	singular

Não se observam diferenças significativas na forma como são percebidas as várias condições pelos dois grupos. No entanto, as diferenças observadas na condição *o dasbo* apontam para valores muito perto do nível de significância ($t(17,14) = 4,08$ $p = .0002$).

Relativamente à condição crítica (*os dabo*), enquanto as crianças brasileiras percebem *os dabo* como plural sem diferença de *os dabos*, apresentado até percentuais mais elevados para a condição não padrão ($t(17) = 1,16$ $p = .26$), as crianças portuguesas percebem *os dabo* como plural, embora diferentemente de *os dabos* ($t(14) = 3,21$ $p = .006$) e mas também diferentemente do singular *o dabo* ($t(14) = 4,14$ $p = .0009$), como já referido.

Observa-se então, no que concerne à percepção da informação morfofonológica de número, que as crianças brasileiras e portuguesas, relativamente a um mesmo teste, apresentam uma performance em geral semelhante, com exceção para as condições *o dabo* e *o dasbo*.

No entanto, observa-se que a performance das crianças portuguesas está mais próxima da gramática-alvo, o que se pode relacionar com o fato de o sistema de marcação de número em PE ser mais estável. Uma vez que as crianças portuguesas estão expostas a apenas uma variante enquanto que as brasileiras estão expostas a duas, pode até explicar-se por que as crianças brasileiras

apresentam um desempenho pior nas condições elicitadoras de respostas singulares. Sendo as crianças brasileiras confrontadas com um *input* obedecendo a padrões inconsistentes, revelador de várias gramáticas em competição, é natural que o sistema morfológico de marcação de número no DP seja estabilizado mais tardiamente na aquisição.

A comparação dos resultados obtidos para o PE com os dados do PB aponta também para a confirmação da hipótese de Costa & Figueiredo Silva (2006) de que é D a posição relevante para a interpretação da referência plural de um DP e de que a marca morfofonológica de plural no nome é redundante, uma vez que também as crianças portuguesas recuperam a referência plural a partir de uma marca morfofonológica apenas em D, ainda que essa não seja a expressão gramatical da sua variedade.

Conclusões

As crianças de 2 anos são sensíveis à expressão morfológica de número da sua língua, tanto em PE como em PB, e reconhecem que a informação crucial de número é extraída do determinante nas duas variedades. Assim, a categoria D parece estar ativa no processo de aquisição desde uma fase inicial e as crianças podem valer-se exclusivamente da informação morfofonológica relativa a número na atribuição de referência plural de um DP flexionado em número, sendo a informação de número no nome é tomada como redundante e o que conta é sua expressão em D, independentemente da variedade do Português, o que parece confirmar a hipótese de Costa & Figueiredo Silva (2006) para a variação na expressão morfofonológica de plural em PE e PB.

Referências

BRITO, A. A ordem de palavras no Sintagma Nominal em Português numa perspectiva de Sintaxe Comparada – um caso particular: os Ns deverbais eventivos. In: *Actas do Congresso Internacional do Português*. Lisboa: Edições Colibri, 1996. p. 81-106.

CASTRO, A. *On possessives in portuguese*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Nova de Lisboa/Université Paris-8.

_____. *O processamento da concordância de número interna ao DP por crianças de 2 anos falantes de Português Europeu*. ms. 2007.

COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. F. Nominal and verbal agreement in Portuguese: an argument for Distributed Morphology. In: COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. (Ed.). *Studies on agreement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 25-46.

CORRÊA, L. M. S. Uma hipótese para a identificação do gênero gramatical com particular referência para o português. *Letras de Hoje*, n. 125, p. 289-296, 2001.

_____. Conciliando processamento lingüístico e teoria de língua no estudo da aquisição da linguagem: In: CORRÊA, L. M. S. (Ed.). *Aquisição da linguagem e problemas do desenvolvimento lingüístico*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RJ, 2005.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A.; FERRARI-NETO, J. The early processing of number agreement in the DP: evidence from the acquisition of Brazilian Portuguese, 30th BUCLD. 2005.

COSTA, J.; FREITAS, M. J. *Morphological and/or Prosodic Place Holders*. Encontro do projecto Statistical Physics, Pattern Identification and Language Change, ZIF – Bielefeld. 2001.

EMBICK, D. *Voice and the interfaces of syntax*. 1977. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania.

EMBICK, D.; NOYER, R. Movement operations after syntax. *Linguistic Inquiry*, v. 32, p. 555-595, 2001

ENÇ, M. The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry*, n. 22, p. 1-25, 1991.

FERRARI-NETO, J. *Reconhecimento do número gramatical e processamento da concordância de número no sintagma determinante na aquisição do português brasileiro*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FREITAS, M. J.; MIGUEL, M. Prosodic and syntactic interaction: the acquisition of NP functional projections in European Portuguese. In: CAMBIER-LANGEVELD, T.; LIPTAK, A.; REDFORD, M. (Ed.). *Proceedings of console*. 1998. VI. p. 27-44.

HÖHLE, B.; WEISSENBORN, J.; KIEFER, A.; SCHULZ, A.; SCHMITZ, M. The origins of syntactic categorization for lexical elements: the role of determiners. In: COSTA, J.; FREITAS, M. J. (Ed.). *Proceedings of the GALA'2001 Conference on Language Acquisition*. Lisboa: APL, 2005. p. 106-111.

MATOS, G.; MIGUEL, M.; FREITAS, M. J.; FARIA, I. Functional Categories in early acquisition of European Portuguese. In: *Proceedings of GALA'97 (Generative Approaches to Language Acquisition)*. Edinburgh: University of Edinburgh, 1998.

SANTOS, A. L. "How do children say 'Yes' in European Portuguese?" In: VAN KAMPEN, J.; BAAUW, S. (Ed.). *Proceedings of GALA 2003*. Utrecht: LOT. 2004.

SIMÕES, L. Concordância Nominal de Número: questões de variação e aprendizagem. In: *ANPOLL – Boletim Informativo*, Maceió, v. 32, n. 1, 2004.

SOARES, C. *As categorias funcionais no processo de aquisição do português europeu: estudo longitudinal da produção espontânea de uma criança de 1;2.0 aos 2;2.17 anos*. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Lisboa.